



PROJETO
COMUNIDADES
agroflorestais

PLANTANDO ÁGUA E TECENDO VIDAS







<https://cirat.org/comunidades-agroflorestais/>



<https://cirat.org/>
@ciratbrasil

CIRAT – Centro Internacional de Água e Transdisciplinaridade
Diretor Geral: Sergio Ribeiro

Projeto Comunidades Agroflorestais: Plantando Água e Tecendo Vidas
Coordenador Geral: Luiz Carlos Pinagé de Lima

Redação
Camila Grinsztejn

Edição e Revisão
Luiz Carlos Pinagé de Lima

Design Gráfico
Wagner Soares e Giulia Cezini Bulhões Cahet

Fotos
Equipe do Projeto Comunidades Agroflorestais

REALIZAÇÃO



APOIO



PARCEIROS



DEDICATÓRIA



Este trabalho é dedicado, com profunda gratidão, à Ana Primavesi, cuja vida e legado seguem inspirando gerações de agricultoras, agricultores, técnicas e pesquisadores comprometidos com o cuidado da terra. Seus ensinamentos sobre o solo vivo, a agroecologia e a observação sensível da natureza atravessam cada página deste livro e cada ação do projeto Comunidades Agroflorestais. Mais do que conhecimento técnico, Ana Primavesi nos legou uma ética do cuidado, do respeito aos ciclos naturais e da confiança na capacidade regenerativa da vida – princípios que orientam este trabalho e seguem florescendo nos territórios onde se planta água, alimento e futuro.



AGRADECIMENTOS

A realização do projeto Comunidades Agroflorestais e a publicação deste livro só foram possíveis graças ao apoio financeiro da Fundação Banco do Brasil (FBB), cuja confiança e compromisso com o desenvolvimento sustentável, a agroecologia e o fortalecimento das comunidades rurais tornaram viável a implementação das ações aqui registradas. A FBB teve papel fundamental no fomento a iniciativas que integram conservação ambiental, produção de alimentos saudáveis e justiça social nos territórios.

O CIRAT agradece também o apoio técnico, institucional e político na implementação do Projeto Comunidades Agroflorestais às seguintes entidades parceiras: ADASA/DF – Agência Reguladora de Águas, Energia e Saneamento Básico do Distrito Federal; ANA – Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico; Associação Alternativa Terrazul; CBH Paranaíba/DF – Comitê de Bacia Hidrográfica dos Afluentes do Rio Paranaíba no Distrito Federal; CDS/UnB – Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília; LMBH/UnB – Laboratório de Manejo de Bacias Hidrográficas; SENAR/DF – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural; e SINDIORGÂNICOS/DF – Sindicato dos Produtores Orgânicos do Distrito Federal, Organismo Participativo de Avaliação da Conformidade Orgânica (OPAC Cerrado). A atuação conjunta dessas instituições foi essencial para a qualificação técnica, a articulação territorial e o fortalecimento das ações desenvolvidas.

Registramos ainda nossos agradecimentos especiais aos parceiros que estiveram presentes e atuantes ao longo de todo o processo, desde a elaboração e aprovação do projeto até sua execução e conclusão, e sem os quais não teríamos alcançado os produtos, resultados e impactos esperados: CAESB – Companhia de Saneamento Ambiental do Distrito Federal; MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, por meio de sua Coordenação Estadual do DF e Entorno; e o PPA Descoberto – Programa Produtor de Água no Descoberto. Essas parcerias foram fundamentais para a consolidação das ações no território e para o fortalecimento do diálogo entre produção agroecológica, gestão da água e políticas públicas.

Por fim, expressamos nossos agradecimentos especiais às pessoas que marcaram de forma decisiva este caminho. À **Deputada Federal Erika Kokay**, pelo importante apoio na interlocução com os atores de governo para que os processos caminhassem com celeridade rumo à execução do projeto. Ao **Professor João Paulo Guimarães Soares**, pesquisador da Embrapa Cerrados, grande apoiador e entusiasta do Projeto e do CIRAT. À **Fabiana Mongeli Peneireiro**, pela assessoria técnica qualificada, generosa e comprometida, contribuindo de forma direta para o fortalecimento dos sistemas agroflorestais, dos processos formativos e da autonomia das famílias agricultoras. E à **Pastora Edite Ribeiro Sousa da Silva**, pela presença constante, pela animação, cuidado e capacidade de mobilização do grupo em todas as atividades do projeto, fortalecendo os vínculos comunitários e mantendo viva a energia coletiva que sustenta este trabalho.





PREFÁCIO

Vera Margarida Lessa Catalão

Membra Fundadora e Coordenadora do Bem Viver
e dos Direitos da Natureza do CIRAT

O projeto Comunidades Agroflorestais: Plantando Água e Tecendo Vidas não nasce do vazio nem se encerra neste ato: é caminho que vem de longe e continua a formar veredas. Suas narrativas, seus feitos e aprendizagens não se esgotam nos resultados alcançados, na quantidade de famílias atendidas e nas práticas de transição ecológica desenvolvidas. Tampouco na comunidade de aprendizagem estabelecida entre 36 participantes que concluíram exitosamente o curso de formação, com 166 horas de oficinas teóricas e práticas, conduzidas pelo compartilhamento e troca de saberes. A ecologia das ações desenvolvidas seguiu seu curso como rio sinuoso que irriga de vida suas margens no exercício de fluir, de percolar alimentando lençóis freáticos e aquíferos, de evaporar para formar nuvens e, de novo, retornar ao chão no ciclo virtuoso de bem viver.

No começo, este projeto se nutre do extraordinário trabalho de educação popular realizado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra na luta pela Reforma Agrária, justiça social, produção de alimentos saudáveis (agroecologia) e um projeto político, ético e socioeconômico para o Brasil, mobilizando trabalhadores rurais para a luta por terras improdutivas, reforma agrária e dignidade no campo. Em seguida, tal como águas emendadas, encontra-se com os propósitos do CIRAT manifestos em projetos anteriores no território de assentamentos de reforma agrária em Brazlândia-Distrito Federal. Sintonia ética, práxis política e sinergia de propósitos combinadas com a aprendizagem de experiências pregressas, marcam a concepção e desenvolvimento do projeto Comunidades Agroflorestais realizado pelo CIRAT com financiamento da Fundação Banco do Brasil.

Esta publicação relata uma experiência auspiciosa de geração de renda caminhando junto com o cultivo orgânico da terra de forma sinérgica e orientada por uma ética de cooperação e cuidado integradora das dimensões biológicas, sociais, culturais e espirituais das pessoas que compartilham um mesmo terri-

tório. O sentido de pertencimento foi o alicerce e a raiz de processos de aprendizagem na busca de reatar o ser humano com a natureza, inclusive a sua própria.

As atividades de formação partiram do sensível para ressignificação da vida cotidiana, renovando em cada encontro a memória de saberes e fazeres ancestrais de cultivo da terra associada à descoberta de tecnologias sustentáveis que bebem da fonte fecunda da vida biológica e da cultura do cuidado. A educação ambiental inspirou valores e ações voltados para a transformação humana e social e para a preservação ecológica, confirmando que o diálogo de saberes é fundamental para que a aprendizagem presente crie raízes profundas no território e se lance aos ventos do futuro.

Durante o seu desenvolvimento, o projeto mostrou que os plantios agroflorestais, ao promoverem sistemas produtivos orgânicos e sintrópicos, promovem o cuidado com a saúde da terra e de todas comunidades de vida de um território - em cada mutirão, crescia uma floresta de solidariedade. O sentimento de pertença brotou junto com as sementes plantadas, com o florescer das mudas, com a colheita dos grãos, hortaliças e frutos. Vivenciar a ética do cuidado por meio de formas cooperativas de fazer, de compartilhar e de conviver foi parte essencial da transição ecológica realizada e embrião de uma cidadania planetária capaz de integrar direitos humanos e direitos da natureza.

Ao mimetizar o desenho das organizações e ritmos da natureza por meio de práticas agroecológicas e cultivo de sistemas agroflorestais, as ações do projeto cumpriram o anunciado no seu título, plantaram água e teceram vidas. Os mutirões de plantio agroflorestal revestiram de húmus o solo exposto e fortaleceram os laços de solidariedade urdidos em anos de convivência e luta nos acampamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Esta luta pelo território integrou os trabalhadores desgarrados e expostos ao clima hostil das grandes cidades. Hoje, porém, o cuidado e respeito pela natureza e seus ciclos criativos de vida são convocados para sustentação dos territórios conquistados e para instauração de formas cooperativas de produção.

Novos arranjos de produção agrícola, novas formas de viver em comunidade, alimentaram o ciclo virtuoso da água em cada roça plantada. O resultado desse processo de produção orgânica sustentável e de regeneração ambiental por meio de Soluções Baseadas na Natureza (SbNs) apenas começaram, e alcançarão maior visibilidade no futuro, afirmando-se ao mesmo tempo em que crescem, florescem e frutificam as árvores plantadas no solo do Cerrado pelas mãos da gente cerratense - expressão criada pelo historiador e poeta Paulo Bertran para denominar aqueles que têm o Cerrado como raiz, os pés tingidos

da terra vermelha, resistindo às longas estiagens e celebrando a graça da vida na volta da chuva e no canto das cigarras que anunciam seu retorno.

Produzir juntos, caminhar juntos, cooperar e conviver revelam que um outro mundo possível ganha materialidade à nossa frente. A integração da agroecologia à luta do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra mostra que não se faz um novo caminho de agricultura familiar com práticas obsoletas de exploração e degradação de gente e natureza. O caminho adiante será de religação de laços orgânicos rompidos e de invenção de novas culturas para o Bem Viver.

Brasília, verão de 2026





SINERGIA E COMPROMISSO:

A CAESB, o Programa Produtor de Água no Descoberto e o Projeto Comunidades Agroflorestais

Glênio da Luz Lima Júnior

Superintendente de Meio Ambiente e Recursos Hídricos da Caesb
(Companhia de Saneamento Ambiental do Distrito Federal)

Fabio Bakker Isaías

Coordenador pela Caesb do Programa Produtor de Água no Descoberto

Para a Companhia de Saneamento Ambiental do Distrito Federal (CAESB), a garantia da segurança hídrica para a capital federal e seu entorno é uma premissa complexa. Compreendemos profundamente que essa tarefa transcende a atuação isolada de qualquer entidade, exigindo, essencialmente, uma orquestração contínua de esforços. Uma ação verdadeiramente articulada entre a sociedade civil, os diversos usuários da Bacia do Descoberto – um manancial de importância estratégica para nossa região – e o poder público é o alicerce sobre o qual se constrói a resiliência hídrica. Somente através dessa sinergia e de uma gestão coordenada é que podemos, de fato, assegurar a disponibilidade e a qualidade da água para as presentes e futuras gerações.

É precisamente nesse panorama de desafios e oportunidades que a CAESB coordena, com engajamento e uma visão de futuro, o Programa Produtor de Água no Descoberto. Este programa incide sobre o principal manancial que provê aproximadamente 60% da água consumida por todo o Distrito Federal. Contudo, nossa perspectiva é clara e pragmática: o saneamento, por mais robusto e essencial que seja, não é, por si só, a única solução para os complexos problemas ambientais e hídricos que nossa Bacia enfrenta. Para garantir a perenidade e a vitalidade dos nossos recursos hídricos, é imperativo que coordenemos e integremos nossas ações com todos os atores que interagem com a bacia, conferindo especial atenção ao papel do agricultor e de suas práticas no uso e conservação do solo e da água.

Essa mudança de paradigma, que vê a agricultura e o saneamento como esferas indissociáveis na busca pela melhoria da disponibilidade hídrica, é a própria essência do nosso trabalho. É inspirador constatar como ações financiadas pelo saneamento podem catalisar e impulsionar a melhoria da qualidade ambiental, promovendo simultaneamente a produção sustentável de alimentos e a

conservação da água na Bacia do Descoberto. Além disso, o Programa Produtor de Água no Descoberto, que hoje orgulhosamente reúne 25 instituições parceiras — entre as quais se destaca o Centro Internacional de Água e Transdisciplinaridade (CIRAT), proponente do Projeto Comunidades Agroflorestais — não busca simplesmente liderar um esforço isolado que resolverá todos os problemas de forma autônoma. Sua verdadeira missão é atuar como um catalisador, associando-se e fortalecendo as inúmeras iniciativas positivas e regenerativas que já florescem nesse território, tecendo uma rede de colaboração e multiplicando os resultados.

Concretizando esse compromisso com a água e com as comunidades, a CAESB formalizou sua parceria e apoiou o Projeto Comunidades Agroflorestais por meio de uma ação desenvolvida em parceria com a EMATER-DF. Nosso foco principal é a promoção do saneamento rural em sua totalidade na Bacia do Descoberto, ofertando a cada agricultor familiar a possibilidade de implementar soluções sanitárias adequadas e eficientes em suas propriedades. Esse convênio com a EMATER-DF representa um investimento substancial da CAESB, que já superou a marca dos R\$ 8 milhões, com um aporte inicial de R\$ 3 milhões e um repasse adicional de R\$ 5,8 milhões realizados no final de 2025, evidenciando a continuidade do nosso compromisso. Importante destacar que a instalação de fossas biodigestoras — um dos grandes marcos dessa parceria — não só melhora drasticamente as condições sanitárias nas propriedades rurais e contribui para a qualidade da água que alimenta a Bacia do Descoberto, mas também funciona como uma contrapartida essencial da CAESB para a viabilização do Projeto Comunidades Agroflorestais junto à Fundação Banco do Brasil.

Essas são ações de impacto direto, que, ao se materializarem nas propriedades rurais e nas comunidades, se tornam verdadeiros vetores de mudança e prosperidade para todo o território. Enquanto o Programa Produtor de Água no Descoberto, em parceria com a EMATER-DF, avança na promoção do saneamento rural, as iniciativas do CIRAT nos assentamentos do Alto Descoberto, por meio do Projeto Comunidades Agroflorestais e com o apoio da Fundação Banco do Brasil, florescem na produção agroecológica e na regeneração ambiental. Essa confluência de forças, articulada e integrada, permite-nos vislumbrar um futuro em que a capital federal não só alcança, mas sustenta níveis exemplares de segurança hídrica e alimentar. As ações conjuntas que hoje empreendemos buscam não apenas a quantidade e a qualidade da água, mas impactar positivamente toda a cadeia da produção sustentável de alimentos em nosso país. Sonhamos, e trabalhamos, para um Cerrado resiliente, onde a abundância da água e dos alimentos cultivados com respeito se tornam um legado duradouro para as gerações vindouras.





SUMÁRIO

- 03 Dedicatória
- 04 Agradecimentos
- 09 Prefácio
- 13 Colaboração e compromisso: A CAESB no Projeto
- 19 Apresentação
- 23 Quem propõe
- 27 Contexto histórico socioambiental
- 31 Estratégias de atuação
- 35 Iniciando os trabalhos: nascendo com raízes profundas no território
- 39 Entre a seca e a chuva: ações em movimento
- 43 A força do coletivo
- 47 Beneficiamento
- 51 Cogumelos shiitake
- 53 A transição agroecológica
- 55 Cuidar e dar continuidade: o papel das famílias
- 57 Plantando água: restaurar é cuidar do futuro
- 61 Resultados Alcançados
- 67 Pós-fácio
- 70 Quem fez acontecer
- 71 Agricultores beneficiados



APRESENTAÇÃO

Sergio Augusto Ribeiro
Diretor Geral do CIRAT

O Projeto Comunidades Agroflorestais: Plantando Água e Tecendo Vidas nasce do encontro entre iniciativas já conduzidas por agricultoras e agricultores familiares, movimentos sociais e instituições comprometidas com a agroecologia no Distrito Federal. Ao mesmo tempo em que dá continuidade a trajetórias coletivas já consolidadas, o projeto amplia horizontes ao fortalecer a agroecologia como eixo estruturante da sustentabilidade ambiental, hídrica, econômica e social no Cerrado, especialmente nas bacias do Rio Paranoá e do Alto Descoberto.

Ao promover formações teórico-práticas em agroecologia, aliadas ao planejamento e à gestão territorial das Unidades Produtivas Familiares, o projeto fomenta sistemas produtivos que aumentam a cobertura do solo, reduzem processos erosivos e ampliam a infiltração e o armazenamento de água nos lençóis freáticos. Nesse contexto, a agroecologia se afirma não apenas como um modelo de produção de alimentos, mas como uma estratégia concreta de produção de água e de regeneração das paisagens, em que cada roçado agroflorestal se transforma em um território vivo de proteção das nascentes, recuperação do solo e fortalecimento da segurança hídrica do bioma e das comunidades rurais.

Com foco na geração de trabalho e renda e na criação de alternativas econômicas capazes de frear o parcelamento da terra e a impermeabilização do solo, o projeto busca viabilizar a permanência digna das famílias agricultoras em seus territórios. Para isso, combina a implantação e o manejo de sistemas agroflorestais e agrocerrateses com unidades demonstrativas de boas práticas agroecológicas, beneficiamento e agregação de valor às cadeias da agrobiodiversidade. Essas ações incluem economia circular, desidratação de frutas, legumes e ervas, produção de cogumelo shiitake, fortalecimento de redes de produção e escoamento — como feiras, vendas diretas, entregas e Comunidades que Sustentam a Agricultura (CSA) — além de processos de certificação

orgânica e participativa.

Paralelamente, o projeto atua na recuperação de áreas produtoras de água, por meio da restauração de áreas degradadas do Cerrado com espécies nativas e sistemas produtivos regenerativos, associados a ações de conservação de solo e água. A abordagem transdisciplinar da água aplicada pelo CIRAT leva em consideração, em suas ações, uma ampla gama de fatores associados aos aspectos sociais, ambientais, econômicos e culturais. A melhoria da qualidade de vida na zona rural é reforçada com a implantação de soluções individuais de saneamento, como fossas sépticas, contribuindo diretamente para a saúde das famílias, dos cursos d'água e dos territórios.

Resultado de uma articulação entre diferentes parceiros, o projeto se insere no contexto do Programa Produtor de Água no Descoberto, somando-se a esforços já em curso. Mais do que somar, ele busca costurar: conectar pessoas, saberes e práticas em uma rede viva que fortalece a resiliência socioambiental, a produção de água e o bem-viver das comunidades rurais do Cerrado.

“

O Projeto Comunidades Agroflorestais tem como objetivo promover a segurança hídrica em primeiro lugar, mas também promover a viabilidade econômica do produtor rural para que permaneçam em suas terras. Hoje em Brasília, um grande desafio para pensarmos em sustentabilidade hídrica no futuro é que essas áreas que hoje são rurais possam permanecer como rurais.”





QUEM PROPÕE?



O Centro Internacional de Água e Transdisciplinaridade (CIRAT) é uma organização da sociedade civil brasileira de direito privado, sem fins lucrativos, que conecta saberes do Sul Global para o desenvolvimento de soluções sustentáveis e inovadoras em segurança hídrica, alimentar e climática. Suas ações são baseadas na cooperação e no compartilhamento de conhecimento, infraestrutura e pessoas, com o objetivo de alcançar resultados concretos em favor do planeta Terra.



Cooperação Sul Sul e Multilateralismo

Promovemos colaborações técnicas entre países do Sul Global, fortalecendo o intercâmbio de saberes e recursos e buscando soluções conjuntas para desafios socioambientais globais.



Segurança Hídrica e Climática

Aplicamos o Índice de Sustentabilidade de Bacias (ISB), trabalhamos com o tema "Água, Cultura e Patrimônio" e impulsionamos projetos como a criação de uma Flagship Initiative sobre a estrutura molecular da água no âmbito do Programa Hidrológico Intergovernamental da UNESCO.



Segurança Alimentar

Promovemos produção sustentável com agroecologia e agroflorestas, valorizando comunidades e a agrobiodiversidade. Somos a Secretaria Executiva do IPSA, que busca um marco regulatório internacional para agrotóxicos, o monitoramento de tais substâncias e o banimento dos agrotóxicos de alto impacto (HHP).



Políticas Públicas

Fortalecemos a adaptação climática com ações contra o desmatamento, governança territorial e da água, e cooperação socioambiental. Trabalhamos na disseminação do Programa Produtor de Água por bacias ao redor do país.



Qualificação UNESCO

O CIRAT está em processo de qualificação como Centro de Categoria 02 (CC2) sob os auspícios da UNESCO, no âmbito do Programa Hidrológico Intergovernamental (PHI-UNESCO). Em março 2026, apresentamos nossa candidatura ao Governo Brasileiro, a quem cabe analisar e encaminhar à UNESCO propostas de criação de novos CC2 em território nacional.



O CIRAT posiciona-se como um think tank do Sul Global dedicado à produção e difusão de conhecimento estratégico sobre água, sustentabilidade e governança ambiental, com base em abordagens transdisciplinares e na valorização de saberes locais. A partir de sua atuação, articula ciência, políticas públicas e cooperação internacional, promovendo soluções inovadoras e adaptadas às realidades socioambientais dos países do Sul Global.

Por meio dessas linhas de atuação, o CIRAT constrói uma plataforma de colaboração e desenvolvimento de soluções nas áreas ambiental e social, sempre comprometido com a sustentabilidade e com a vida. A instituição atua em múltiplas áreas de conhecimento, configurando-se como um mosaico de potencialidades. Realiza projetos, avaliações, estudos e pesquisas de alto nível, atuando junto a pesquisadores nacionais e internacionais para o avanço do conhecimento e a disseminação de boas práticas relacionadas à água.

Entre seus principais marcos institucionais, destaca-se a participação no Projeto CITInova – Planejamento Integrado e Tecnologias para Cidades Sustentáveis, iniciativa do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), com apoio do Global Environment Facility (GEF) e do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA). No Distrito Federal, o CIRAT foi responsável pela realização das oficinas “Água, Gênero e Pertencimento à Bacia Hidrográfica,” desenvolvidas em parceria com a Secretaria de Meio Ambiente (SEMA-DF). Essa ação mobilizou comunidades das bacias do Descoberto e do Paranoá, promovendo reflexões sobre o cuidado com os corpos d’água, o pertencimento territorial e a justiça hídrica a partir de uma abordagem transdisciplinar e sensível à questão de gênero. O sucesso da iniciativa deve-se ao envolvimento direto da população, à valorização dos saberes locais e à construção coletiva de estratégias para a proteção das águas.

Essa experiência representou o primeiro contato do CIRAT com as comunidades locais da região das bacias do Paranoá e do Descoberto. A iniciativa reforça a visão do CIRAT de que a transformação socioambiental exige o protagonismo das comunidades e a articulação entre políticas públicas, tecnologias sociais e práticas regenerativas. Dessa mesma perspectiva nasce o projeto Comunidades Agroflorestais: Plantando Água e Tecendo Vidas com apoio financeiro da FBB, um novo desdobramento das ações do CIRAT no mesmo território, que busca integrar conservação ambiental, soberania alimentar e geração de renda por meio da agroecologia e do manejo sustentável dos recursos naturais.

Partindo do princípio de que a agrofloresta é também uma pedagogia do cuidado e uma ferramenta de reconstrução do vínculo entre pessoas e paisagem, o projeto Comunidades Agroflorestais tem como objetivo apoiar coletivos, assentamentos e grupos tradicionais na criação de modelos de vida enraizados, resilientes e férteis – tanto do ponto de vista ecológico quanto cultural. A proposta conecta-se diretamente com os aprendizados gerados no CITInova e amplia seu alcance, levando para outros contextos a centralidade da água, o papel das mulheres e o reconhecimento das comunidades como guardiãs da vida e do território.



CONTEXTO HISTÓRICO SOCIOAMBIENTAL

Desde a década de 1990, o Distrito Federal tem experimentado uma expansão urbana marcada pela disseminação de condomínios irregulares em áreas periurbanas e rurais. Esse processo, em grande parte desordenado, pressiona diretamente os ecossistemas do Cerrado, intensificando a vulnerabilidade hídrica e comprometendo os serviços ambientais que sustentam a vida no território.

As bacias hidrográficas do Alto Descoberto e do Paranoá, fontes de abastecimento para a maior parte da população do DF, estão entre as áreas mais impactadas. A bacia do rio Paranoá, hoje fortemente urbanizada, apresenta altos índices de impermeabilização do solo, comprometendo as áreas de recarga dos aquíferos. A erosão, o assoreamento, a eutrofização da água e o uso intensivo de agrotóxicos são sintomas visíveis de uma degradação que também afeta as relações sociais no campo.

Na bacia do Alto Descoberto, a pressão é semelhante. O parcelamento irregular de terras, o desmatamento, o descarte de resíduos sólidos e o avanço da agricultura convencional nas margens dos rios reduziram em 38% a vazão afluente ao reservatório Descoberto nas últimas décadas. Entre 2016 e 2018, essa realidade se traduziu em uma grave crise hídrica: chuvas 42% abaixo da média e um reservatório que chegou a apenas 5,3% de sua capacidade. Nas comunidades rurais, o impacto foi imediato — a água rareou, a produção caiu e a vida cotidiana se tornou ainda mais difícil.

Além dos desafios ambientais, persistem entraves socioeconômicos. Muitas famílias agricultoras enfrentam baixa renda, acesso limitado a políticas públicas e ao crédito rural, dificuldades para consolidar sistemas produtivos sustentáveis. Embora já existam iniciativas agroecológicas no território, faltam condições para que se tornem políticas enraizadas, capazes de garantir autonomia produtiva e dignidade no campo.





ESTRATÉGIAS DE ATUAÇÃO

A estratégia do projeto Comunidades Agroflorestais foi baseada na articulação entre formação, produção sustentável e regeneração ambiental. A partir de processos de educação popular, promovemos o intercâmbio entre saberes tradicionais e conhecimentos técnicos em agroecologia, fortalecendo agricultores(as) e jovens como protagonistas da transformação nos territórios.

O projeto atuou na recuperação e manejo de áreas produtoras de água e alimento, por meio da implantação de sistemas agroflorestais, reflorestamento com espécies do Cerrado e práticas de agricultura regenerativa que aumentam a conservação e a infiltração da água no solo.

Também investimos na valorização das cadeias da agrobiodiversidade, apoiando práticas como o beneficiamento de alimentos, certificação participativa e novos modelos de comercialização. Para engajar comunidades e ampliar o alcance das ações do projeto, tivemos a comunicação e a mobilização social como pilares fundamentais do projeto.

A estratégia proposta considerou a união entre regeneração ecológica, fortalecimento da agricultura familiar e justiça socioambiental.

AS TRÊS ESTRATÉGIAS DO PROJETO

FORMAÇÃO



- Realização de 22 oficinas teóricas e práticas em agroecologia, diversificação e beneficiamento da produção agroextrativista, certificação orgânica, acesso a mercados diferenciados.
- Integração entre saberes técnicos e tradicionais, fortalecendo agricultores e jovens como multiplicadores locais.

RESULTADO

Comunidades capacitadas, maior autonomia produtiva e fortalecimento da organização social.

PRODUÇÃO SUSTENTÁVEL



- Implantação e manejo de agroflorestas como base de geração de renda e alimentos.
- Criação de alternativas econômicas com CSAs, certificação orgânica e unidades de beneficiamento para agregar valor à produção da agrobiodiversidade.
- Fortalecimento dos agricultores e jovens como multiplicadores locais.

RESULTADOS

Maior viabilidade econômica para permanência das famílias no campo e acesso a políticas como Pagamento por Serviços Ambientais.

REGENERAÇÃO AMBIENTAL



- Recuperação de áreas degradadas com espécies nativas do Cerrado e sistemas agrocerrattenses.
- Implementação de práticas de conservação de solo e água, contribuindo diretamente para as metas do Programa Produtor de Água no Descoberto.

RESULTADO

Revitalização das bacias do rio Paranoá e Alto Descoberto, fortalecimento dos serviços ecossistêmicos, aumento da resiliência frente às mudanças climáticas e melhoria das condições de vida.





INICIANDO OS TRABALHOS

NASCENDO COM RAÍZES PROFUNDAS NO TERRITÓRIO

O projeto Comunidades Agroflorestais não começou do zero. Ele é fruto de uma trajetória construída ao longo do tempo, alicerçada em vínculos já existentes entre o CIRAT e as famílias do território, no Distrito Federal. Antes mesmo do início formal das ações, o CIRAT já havia atuado no território por meio de projetos voltados à conservação de solo como o Projeto CITInova, através da implantação de Sistemas Agroflorestais (SAFs), práticas de manejo sustentável e educação ambiental. Essa presença anterior consolidou uma relação de confiança com as famílias agricultoras e facilitou o processo de escuta e mobilização necessário para o desenho coletivo desta nova iniciativa.

A construção do projeto contou com a participação direta da comunidade, que compartilhou suas necessidades, expectativas e prioridades durante um evento de abertura, escuta e detalhamento. Foi a partir desse encontro que se moldaram os contornos do projeto: suas linhas de ação, objetivos concretos e estratégias de implementação. O diálogo horizontal e o reconhecimento dos saberes locais foram fundamentais para garantir que o projeto nascesse com raízes profundas no território.

O lançamento oficial do Comunidades Agroflorestais foi marcado por um momento especial de mobilização. Agricultores e agricultoras da região, representantes de movimentos sociais, como o MST regional do DF, e parceiros institucionais se reuniram para conhecer a proposta e participar do processo de adesão. Durante o evento, foram apresentados os critérios de seleção dos beneficiários como: residir na propriedade, ter maior parte de sua renda familiar proveniente da produção agrícola, possuir conhecimento prévio em agroecologia ou restauração ecológica (comprovado por cursos anteriores, como os oferecidos pela Emater, Senar ou pelo próprio CIRAT). Outro critério essencial foi o compromisso com a participação na grade formativa do projeto, com presença nos encontros, oficinas, mutirões de trabalho e demais atividades previstas.

DIAGNÓSTICOS RÁPIDOS PARTICIPATIVOS (DRPS):

A partir das inscrições realizadas no lançamento do projeto, em janeiro de 2024, e do interesse manifestado pelas famílias, a equipe técnica deu início a uma etapa central do processo: a realização dos Diagnósticos Rápidos Participativos (DRPs). As visitas de campo tiveram como objetivo compreender de forma integrada a realidade socioeconômica das famílias, o histórico de uso e manejo das áreas, os saberes locais, os interesses produtivos e o potencial de cada unidade para a implantação ou qualificação dos Sistemas Agroflorestais (SAFs). Os DRPs também foram fundamentais para identificar os diferentes perfis de participação no projeto — desde agricultores interessados prioritariamente na formação, até aqueles com condições e interesse em receber um apoio mais completo. Com base nesses diagnósticos e em critérios definidos de forma participativa, foram selecionadas as 15 Unidades de Produção Familiar (UPFs) que passaram a integrar o núcleo do projeto, recebendo apoio integral, incluindo assistência técnica continuada, implantação ou manejo de SAFs, fornecimento de equipamentos como desidratadores, apoio à certificação orgânica e a introdução de novas cadeias produtivas, como o cultivo de shiitake.

A seleção foi seguida por um momento simbólico e estruturante: a formalização dos compromissos. Em evento com a presença das famílias participantes, foram assinados os termos de adesão, que estabeleceram responsabilidades, contrapartidas e benefícios conforme cada perfil de participação — da formação técnica ao apoio completo para implantação ou ampliação dos SAFs. Nos casos de manejo de agroflorestas já existentes, também foram firmados termos específicos, orientando e formalizando o acompanhamento das práticas nos agroecossistemas. Essa etapa marcou a transição do planejamento para a ação, consolidando um processo construído com base na escuta, no diálogo e no protagonismo das famílias, princípios que sustentam o projeto Comunidades Agroflorestais e fortalecem seu enraizamento no território.





ENTRE A SECA E A CHUVA

AÇÕES EM MOVIMENTO

Com as famílias selecionadas, os termos de compromisso firmados e o projeto oficialmente em andamento, o Comunidades Agroflorestais deu início a sua jornada formativa e prática. Ainda durante o período seco, antes mesmo do início das Oficinas, a equipe técnica passou a atuar diretamente no território com ações de manejo em Sistemas Agroflorestais já existentes, apoiando as famílias na recuperação, condução e qualificação de áreas produtivas implantadas em anos anteriores. Esses manejos iniciais — envolvendo podas, enriquecimento com novas espécies, reorganização de canteiros e ajustes no desenho dos sistemas — foram fundamentais para responder a demandas imediatas das famílias e preparar as áreas para o novo ciclo de formações e plantios.

Paralelamente, a primeira etapa formativa foi dedicada à construção teórica coletiva, por meio de Oficinas que abordaram temas centrais como princípios da agroecologia, restauração ecológica, planejamento de SAFs, gestão da água, entre outros conteúdos essenciais para sustentar e qualificar as ações em campo. Essa formação ocorreu ao longo da seca e até o final de 2025, em uma janela estratégica que permitiu concentrar os esforços pedagógicos enquanto a equipe técnica seguia atuando no manejo das áreas e no preparo dos plantios que se iniciariam com as chuvas.

À medida que o processo avançava, as formações práticas ampliaram o repertório das agricultoras e agricultores com temas aplicados e certificações específicas. Oficinas como o cultivo de shiitake em toras e a desidratação de ervas, frutas e legumes marcaram essa fase, promovendo o intercâmbio de saberes e fortalecendo a autonomia das famílias nas diversas dimensões da produção agroflorestal.

Paralelamente ao calendário formativo, outubro trouxe um novo momento de escuta e afinação. Um segundo diagnóstico foi realizado em cada Unidade de Produção Familiar, com o objetivo de atualizar as informações do DRP inicial

e aprofundar o planejamento dos plantios que se aproximavam. Em visitas técnicas conjuntas, equipe e famílias definiram, caso a caso, as estratégias a serem adotadas: plantio em áreas novas, enriquecimento de áreas já manejadas, recuperação de trechos afetados por queimadas ou expansão de SAFs consolidados. Essa escuta atenta, realizada diretamente no campo e respeitando o contexto de cada propriedade, garantiu que o projeto mantivesse sua essência participativa e responsiva à realidade do território.

Com os planos traçados, a equipe se dedicou intensamente à organização da logística de mudas, insumos, ferramentas e à mobilização necessária para os plantios. O desafio era sincronizar os desejos das famílias, as necessidades das áreas e a janela ideal para o início das ações: a chegada das chuvas. Em novembro e dezembro, com o retorno das águas ao Cerrado, os primeiros mutirões de plantio aconteceram. A terra úmida acolheu as primeiras mudas com esperança e força renovada, marcando o início de um novo ciclo de vida.

Essa fase foi marcada por um ritmo intenso, em que teoria e prática caminharam juntas, alimentando a construção de agroflorestas não apenas como sistemas produtivos, mas como expressões vivas de uma relação regenerativa entre as comunidades e o território. Entre a seca e a chuva, entre manejo, diagnóstico e mutirão, o projeto avançou firme, com os pés na terra e o olhar no futuro.

As formações práticas foram ampliando o repertório dos agricultores e agricultoras com temas aplicados e certificações específicas. Oficinas como o cultivo de shiitake em toras e desidratação de ervas, frutas e legumes marcaram essa fase, promovendo o intercâmbio de saberes e fortalecendo a autonomia das famílias nas diversas dimensões da produção agroflorestal.

Paralelamente ao calendário de formações, outubro chegou com um novo momento de escuta e afinação. Um segundo diagnóstico foi realizado em cada Unidade de Produção Familiar, com o objetivo de atualizar as informações do DRP inicial e aprofundar o planejamento dos plantios que se aproximavam. Em visitas técnicas conjuntas, equipe e produtores definiram, caso a caso, as estratégias a serem adotadas: plantio em áreas novas, enriquecimento de áreas já manejadas, recuperação de trechos afetados por queimadas ou expansão de SAFs consolidados.

Com os planos traçados, a equipe se dedicou intensamente à organização da logística de mudas, insumos, ferramentas e da mobilização necessária para os plantios. O desafio era sincronizar os desejos das famílias, as necessidades das áreas e a janela ideal para o início das ações — o início das chuvas.

Em novembro e dezembro, com o retorno das águas ao Cerrado, os primeiros mutirões de plantio aconteceram. A terra úmida acolheu as primeiras mudas com esperança e força renovada, marcando o início de um novo ciclo de vida.

Essa fase foi marcada por um ritmo intenso, onde teoria e prática caminharam juntas, alimentando a construção de agroflorestas não apenas como sistemas produtivos, mas como expressões vivas de uma relação regenerativa entre as comunidades e o território. Entre a seca e a chuva, entre diagnóstico e mutirão, o projeto avançou firme com os pés na terra.



O conhecimento não tem dono, ele se constrói coletivamente. Nosso trabalho é aprender com as agricultoras e os agricultores, organizar esses saberes e transformá-los em ações concretas. As implementações dos sistemas foram guiadas pela experiência prática deles e pelos desafios que a própria comunidade identificou — desde as dificuldades no escoamento da produção até a necessidade de alcançar uma renda que garanta maior segurança financeira para as famílias.”

Rhuan Max

Coordenador de Agricultura Regenerativa do projeto



A FORÇA DO COLETIVO

Se existe uma palavra que pode sintetizar a alma do projeto Comunidades Agroflorestais, essa palavra é participação. Desde sua concepção até a implementação prática, o projeto foi construído em diálogo constante com as famílias agricultoras, respeitando seus ritmos, suas vozes e seus modos de fazer. Mais do que uma metodologia, a participação foi o próprio motor do processo: aquilo que garantiu enraizamento, pertencimento e continuidade.

A cada etapa – do planejamento ao plantio, dos encontros formativos aos momentos de decisão – as ações foram organizadas de maneira coletiva. Os plantios e manejos agroflorestais, por exemplo, aconteceram sempre em formato de mutirão: uma rede de apoio que se revezava entre as propriedades, juntando mãos, ferramentas, experiências e afetos. Nessas ocasiões, a propriedade que recebia o mutirão assumia a organização do almoço e do lanche para todos os participantes, além de contribuir com mão de obra familiar e, sempre que possível, com o uso de máquinas e equipamentos próprios como contrapartida. Ao mesmo tempo, essas mesmas famílias estavam presentes nos mutirões dos demais, formando um ciclo de reciprocidade que fortaleceu vínculos entre vizinhos, assentados e parceiros do território.

A mobilização das pessoas foi feita principalmente por meio dos grupos de WhatsApp criados para as diversas atividades do projeto. Por ali circulavam informações, convites, avisos de agenda, fotos dos plantios e mensagens de encorajamento. Uma ferramenta simples, mas profundamente eficaz.

A equipe de mobilização foi outro elemento essencial para garantir essa organicidade. Composta também por moradores da própria comunidade, reuniu lideranças naturais do território, como Matheus Hudson, jovem agricultor e articulador nato, cuja presença constante nos mutirões e formações sempre inspirou confiança e engajamento, sendo incorporado à equipe, desde o início do projeto, como Instrutor Agrícola Jr. Outro exemplo foi a mobilizadora

social Kelly Gramacho, acampada e colaboradora do projeto na fase inicial. Essa escolha não foi casual: contar com mobilizadores locais fortalece o sentimento de pertencimento ao projeto, deu fluidez à comunicação e permitiu uma escuta mais atenta às dinâmicas internas do território.

O projeto Comunidades Agroflorestais mostrou que a agrofloresta não se planta sozinha — ela nasce do encontro. O encontro de saberes, de vontades, de histórias de vida e de sonhos compartilhados. A cada muda plantada, a cada berço aberto na terra, era possível sentir que o cultivo ali não era só vegetal, mas também humano. Em cada mutirão, crescia uma floresta de solidariedade, construída por mãos que se ajudam, se respeitam e se reconhecem como parte de um mesmo chão.



As bases da cooperação estão no cuidado com cada pessoa, com a Natureza, com a sociedade, com a família e com os assentamentos. É um movimento onde as pessoas são valorizadas pelo que podem fazer, e não pelo que possuem. Essa diferença traz uma visão mais humana e integrada, inspirada na própria lógica de cooperação da natureza, que é um dos princípios fundamentais da agroecologia. Ao fortalecer o sentimento de pertencimento e a formação de uma comunidade agroecológica aqui nos assentamentos de Brazlândia, reafirmamos que a ética da cooperação é essencial para qualquer comunidade — especialmente para aquelas que buscam mostrar novos caminhos, novas alternativas e provar que um novo mundo é possível.”

Luiz Carlos Pinagé
Coordenador do Projeto





BENEFICIAMENTO

TRANSFORMANDO COLHEITAS EM POSSIBILIDADES

Entre os frutos da terra e a mesa das famílias, existe um caminho que pode ser curto ou longo demais quando não há condições para conservar e aproveitar o que foi produzido no campo com tanto esforço. Muitas vezes, se o alimento colhido fresco não for vendido acaba se perdendo antes de chegar a quem precisa, gerando enormes desperdícios. Para começar a transformar essa realidade de perda em ganho, cada UPF participante do projeto recebeu um presente valioso: uma desidratadora de alimentos.



Esse equipamento, embora simples, guarda um poder extraordinário de prolongar a vida dos alimentos, aumenta o tempo de prateleira e abre a possibilidade de criar novos produtos, com mais valor agregado e melhor aproveitamento da colheita.

Com ele, uma manga madura pode se tornar uma fruta seca que nutre em qualquer estação; uma erva fresca pode se transformar em chá aromático e um excedente de hortaliças pode ser preservado em forma de temperos ou farinhas. O que antes poderia virar desperdício, agora se converte em oportunidade.

Mas não foi apenas a máquina que chegou às comunidades. Junto com ela vieram cursos, oficinas e formações específicas onde agricultoras e agricultores aprenderam a manejar o equipamento, a experimentar novas receitas e a descobrir possibilidades de diversificação.





Já trabalho com produtos beneficiados há bastante tempo, mas agora estamos agregando mais valor. A cada encontro aprendemos algo novo, e para mim isso tem uma importância imensa. Eu produzo molhos, geleias, antepastos, sequilhos, e cada companheiro compartilha sua experiência, o que faz a gente aprender sempre.

Antes eu tinha um desperdício enorme porque vendia produtos in natura. Hoje, consigo vender tudo processado: temperos prontos sem perda, tubérculos em chips, sopas e chás. Financeiramente, tem sido muito bom. Toda a minha família participa. Além disso, é bom para a comunidade, porque oferecemos produtos novos e diversificados.”

Ilnéia Alves Rocha Barros
Assentamento Gabriela Monteiro – Brazlândia, DF





COGUMELOS SHIITAKE

DIVERSIDADE, NUTRIÇÃO E RENDA

E foi também nesse horizonte de novas possibilidades de renda que o projeto trouxe outra novidade fértil: a produção de cogumelos shiitake em toras de eucalipto inoculadas. As famílias receberam não apenas o material, mas também toda a formação teórico-prática necessária para conduzir o ciclo, desde o manejo até a colheita. Aos poucos, os primeiros cogumelos de shiitake começaram a despontar, sinalizando uma nova fonte de alimento e renda. Além de ser comercializado fresco, o cogumelo pode ser desidratado na desidratadora entregue às famílias, e ainda ser base para diversos tipos de conservas, ganhando ainda mais versatilidade e valor.

O beneficiamento trouxe mais do que técnicas: trouxe esperança. Ele abriu caminhos para que as famílias pudessem sonhar com mercados mais justos, renda mais estável e a alegria de ver o fruto do seu trabalho valorizado. Hoje, cada alimento preservado — seja uma fruta do Cerrado, uma erva medicinal ou um cogumelo cultivado com cuidado — carrega também a história de quem o plantou, de quem aprendeu a transformá-lo e de quem agora pode oferecê-lo como expressão de cuidado com a terra e com as pessoas.





A TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA

DOS AGROQUÍMICOS AO FLORESCIMENTO DA VIDA

Nas primeiras conversas com muitas das famílias beneficiadas, era comum ouvir relatos de como a produção de hortaliças esteve antes ligada ao uso de agrotóxicos e a práticas convencionais, que esgotam o solo e adoecem quem depende dela diretamente. Esse modelo parecia único e inevitável até que o projeto trouxe a possibilidade de outra escolha: a transição agroecológica.

Essa transição não foi apenas uma mudança de técnica, mas um verdadeiro reencontro com a vida. Ao deixar os agroquímicos de lado, os agricultores e agricultoras se abriram para cultivar não apenas alimentos livres de contaminação, mas também relações mais equilibradas com a natureza. A agroecologia e a certificação orgânica trouxeram consigo o princípio da biodiversidade, onde cada planta tem um papel, cada inseto encontra seu espaço e o solo volta a respirar em plenitude.

Os resultados logo se tornaram visíveis: a água ganhou mais pureza ao infiltrar em solos protegidos, a fauna retornou para as áreas cultivadas — aves, abelhas, minhocas e até animais maiores voltaram a habitar os territórios — e a vida no solo se regenerou com a matéria orgânica e o cuidado constante. Mais que técnica agrícola, a agroecologia se apresenta como uma filosofia de respeito à terra, uma prática que une saberes tradicionais, ciência e espiritualidade em torno da justiça socioambiental.

Com isso, as famílias não apenas conquistaram alimentos saudáveis para consumo e comercialização, mas também passaram a ser guardiãs da biodiversidade do Cerrado.



O projeto permitiu que a gente pudesse atuar com agrofloresta, fazer a transição agroecológica pois antigamente a gente plantava só de forma convencional. Então agora a gente planta em agrofloresta em harmonia com a Natureza. E ainda, permitiu que a gente pudesse certificar nossa produção como orgânica. A gente parou de usar todo tipo de defensivo, agrotóxico e adubo químico e tudo que a gente produz agora é em parceria com a Natureza.”

Mariana Sampaio, agricultora beneficiada.





CUIDAR E DAR CONTINUIDADE

O PAPEL DAS FAMÍLIAS

Receber cada muda, cada equipamento, cada tora inoculada foi mais do que um presente: foi um chamado à responsabilidade. Cada família que participou do projeto passou a ser guardiã de um pedaço de futuro, assumindo o compromisso de cuidar com atenção e presença do que foi plantado. O trabalho não termina na entrega — ele se renova todos os dias, no manejo da agrofloresta, no olhar atento para a horta e criações animais, no cuidado com o solo e na vigilância amorosa de quem entende que a vida responde ao tempo dedicado.

Esse processo despertou encantamento. O novo — seja o shiitake brotando da madeira, os alimentos preservados pela desidratadora ou a diversidade das agroflorestas — trouxe aprendizados vivos, daqueles que não cabem apenas nos livros, mas se revelam no dia a dia, na prática e no convívio. O beneficiamento e a agregação de valor aos produtos abriram caminhos para novas fontes de renda, garantindo mais estabilidade às famílias. Mas, acima de tudo, o cuidado cultivado se expandiu: tornou-se também cuidado com as relações, com o território e com a própria vida.



Quero falar aqui da importância da gente trabalhar com sistemas agroflorestais cuidando do meio ambiente, principalmente para a questão hídrica. Hoje já está ai aparente e se não cuidar, amanhã pode ser tarde demais. Então é de suma importância que a gente plante floresta, cuide delas e siga essa linha da agroecologia.

Tânia Aguiar, agricultora beneficiada





PLANTANDO ÁGUA

RESTAURAR É CUIDAR DO FUTURO

Após a implantação e o manejo das agroflorestas produtivas junto às famílias agricultoras, o projeto Comunidades Agroflorestais avançou para uma etapa complementar e estratégica: a restauração ecológica de uma área de vegetação nativa do Cerrado em uma gleba de 3 hectares da CAESB, localizada na região do Córrego do Torto. Essa área situa-se em zona de amortecimento e em continuidade ao Parque Nacional de Brasília, exercendo papel fundamental na recarga hídrica e na conectividade ecológica da bacia do rio Paranoá.

A escolha dessa área está diretamente relacionada ao Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) firmado entre o ICMBio e a CAESB, que estabelece medidas de compensação e recuperação ambiental em função dos impactos associados à operação de sistemas de abastecimento e infraestrutura hídrica no entorno de unidades de conservação. Nesse contexto, destaca-se a Barragem Santa Maria, localizada a montante da área restaurada e integrante do sistema de abastecimento do Distrito Federal. A degradação histórica do uso do solo em áreas adjacentes à barragem e aos cursos d'água compromete a infiltração, aumenta o escoamento superficial e pressiona os ecossistemas que sustentam a produção de água.

É nesse cenário que a restauração conduzida no âmbito do projeto assume caráter estratégico. Ao recuperar a cobertura vegetal nativa com espécies do Cerrado, a intervenção contribui diretamente para a proteção das áreas de recarga, a melhoria da dinâmica hídrica local e o fortalecimento dos serviços ecossistêmicos associados ao reservatório e à bacia do Paranoá. A atuação do CIRAT nesse território conecta, assim, ações comunitárias de base agroecológica com políticas públicas de conservação, traduzindo compromissos institucionais em práticas concretas de cuidado com a água.

Sob a responsabilidade técnica do Coordenador de Agricultura Regenerativa, Rhuan Max, foi elaborado e executado um plano completo de restauração,

envolvendo diagnóstico, planejamento, plantio e monitoramento. Foram implantadas cerca de 2.500 mudas, organizadas em curvas de nível para reduzir a erosão e favorecer a infiltração da água. O plantio seguiu os princípios da sucessão ecológica, combinando espécies pioneiras, secundárias e clímax, além de leguminosas como feijão-andu e feijão-de-porco, que contribuiram para a recuperação da fertilidade do solo. Nos berços de plantio, foi aplicado hidrogel, ampliando a retenção de umidade e aumentando significativamente o pegamento das mudas, especialmente durante o período seco. As mudas também receberam adubação orgânica com bokashi e fosfato natural, e a área foi equipada com sistema de irrigação para garantir sua sobrevivência inicial.

A iniciativa, além de atender às condicionantes ambientais previstas no TAC entre o ICMBio e a CAESB, contribui diretamente para a proteção da bacia do rio Paranoá, para a segurança hídrica do Distrito Federal e para a conservação da biodiversidade do Cerrado. Mais do que uma ação de plantio, essa etapa demonstra como a articulação entre instituições públicas, sociedade civil e comunidades pode transformar obrigações legais em oportunidades reais de regeneração ambiental e cuidado com o futuro da água.

Em parceria técnica com o Laboratório de Manejo de Bacias Hidrográficas – LMBH/UnB, e com o apoio das bolsistas Giovanna Carvalho Rodrigues e Tamila Duarte Martins, o projeto elaborou o Estudo “Aumento da Resiliência Hídrica na Bacia do Lago Paranoá através de Intervenções e Pagamentos por Serviços Ambientais com base no Programa Produtor de Água/ANA”.

Este Estudo passou por uma ampla consulta e debate em Workshop com atores importantes como ANA, Adasa, CAESB, Comitê de Bacia Hidrográfica dos Afluentes do Paranaíba no DF e o Instituto Federal Brasília – IFB, que contribuíram para a elaboração da versão final, já adequada às normas do Programa Produtor de Água da ANA, que abriga os Programas Produtor de Água das diversas bacias brasileiras.

Deste modo, ele servirá como peça técnica/documento base para o processo de criação do Programa Produtor do Paranoá, que trará muitos benefícios ambientais, financeiros e sociais para os produtores da bacia. O Cirat catalizará este processo em 2026.





RESULTADOS ALCANÇADOS

O projeto Comunidades Agroflorestais: Plantando Água e Tecendo Vidas floresceu como uma experiência concreta de regeneração ambiental e fortalecimento comunitário nas bacias do Alto Descoberto e do Paranoá. Da escuta sensível às ações em campo, cada etapa construiu raízes profundas de transformação, mostrando que é possível alinhar cuidado com a terra, geração de renda e sustentabilidade no Cerrado.

Ao longo da caminhada, mais de 17 hectares de Cerrado foram recuperados e enriquecidos, entre novas agroflorestas implantadas, áreas produtivas manejadas e a restauração de três hectares de vegetação nativa em área de recarga hídrica da CAESB. Essas ações trouxeram de volta o verde e a vida ao solo, favoreceram a infiltração da água e fortaleceram os serviços ecossistêmicos que sustentam o equilíbrio do território.



17
HECTARES
RECUPERADOS



22
OFICINAS
TEÓRICAS E
PRÁTICAS



15
UNIDADES DE
PRODUÇÃO FAMILIAR
BENEFICIADAS



As 15 Unidades de Produção Familiar (UPFs) acompanhadas diversificaram suas lavouras e ampliaram suas possibilidades de comercialização. Hoje, produzem frutas, hortaliças, cereais, plantas medicinais e mudas nativas — um mosaico produtivo que reflete a biodiversidade do Cerrado.

A dimensão formativa foi um dos eixos mais potentes do projeto: foram 22 oficinas teóricas e práticas realizadas em agroecologia, manejo agroflorestal, beneficiamento e comercialização diferenciada, controle do fogo e cooperação, reunindo agricultoras, agricultores e jovens em processos de aprendizagem coletiva. A troca entre saberes tradicionais e conhecimentos técnicos fortaleceu a autonomia produtiva das famílias e consolidou uma rede de multiplicadores locais comprometidos com o cultivo da vida.

As 15 Unidades de Produção Familiar (UPFs) acompanhadas diversificaram suas lavouras e ampliaram suas possibilidades de comercialização. Hoje, produzem frutas, hortaliças, cereais, plantas medicinais e mudas nativas — um mosaico produtivo que reflete a biodiversidade do Cerrado. A renda média mensal das famílias aumentou e o processo de transição agroecológica avança com força: doze produtores alcançaram a certificação orgânica junto ao OPAC Cerrado.

A comunicação também teve papel essencial nessa construção coletiva. Foram produzidos vídeos, banners, folders, camisetas e mais de 25 publicações nas redes sociais, alcançando mais de 10 mil pessoas e ampliando a visibilidade das ações e histórias do projeto. Mais do que divulgar, a comunicação ajudou a costurar laços, compartilhar aprendizados e inspirar novas comunidades a seguir o mesmo caminho.

Os resultados alcançados vão além dos números. Cada muda plantada, cada oficina realizada, cada alimento transformado em produto de valor expressa o renascimento de uma relação de reciprocidade entre pessoas e natureza.







POSFÁCIO

Luiz Carlos Pinagé de Lima
Eng. Agrônomo

Coordenador do Projeto Comunidades Agroflorestais – CAF

Como nos lembra a estimada Professora Vera Catalão no início desta obra, o projeto Comunidades Agroflorestais: Plantando Água e Tecendo Vidas “não nasce do vazio” e flui como um “rio sinuoso”. Com seu encerramento, este fluxo chega à sua foz, com as águas desse rio, agora mais volumosas e carregadas de sedimentos férteis, encontrando o oceano de possibilidades futuras.

A intenção deste Livro do Projeto é captar todo este fluxo e registrar estes sedimentos férteis como um resumo executivo, baseado nos seus Objetivos e Metas, mostrando seus Produtos, Resultados e Impactos.

Com a sua leitura atenta, apreendemos que os resultados aqui narrados transcendem a frieza dos relatórios técnicos. Embora celebremos a formação de 36 participantes e as 166 horas de troca de saberes, a verdadeira colheita reside no intangível: na “floresta de solidariedade” que cresceu em cada mutirão realizado e em cada uma das 22 Oficinas da “Formação em Agroecologia, Geração de Renda e Sustentabilidade”.

O que se colheu não foi apenas um conjunto de conhecimentos e saberes, mas também o fortalecimento de uma comunidade de aprendizado agroecológico enraizada na união e na cooperação. O pertencimento à terra e à comunidade, cultivado ao longo das atividades, contribui fortemente para que os frutos colhidos não sejam apenas adquiridos, mas também aplicados como instrumentos de resistência e inovação para a produção familiar agroecológica.

Deste modo, foram fundamentais o apoio e o diálogo permanente do Projeto com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) – Coordenação Estadual do DF e Entorno. E se antes a luta era precipuamente pela conquista da terra e pelo fortalecimento da agricultura familiar, hoje ela se expande para a “sustentação dos territórios conquistados” por meio da produção de alimentos saudáveis com respeito aos ritmos e ciclos da natureza, e do cuidado e da conservação dos recursos naturais dos assentamentos.



O projeto não termina: ele se transmuta em ritual permanente de transição e evolução agroecológica, de valorização da terra e de quem nela vive e produz como também de compromisso com a contínua teia da vida. Pois plantar água é plantar esperança, é invocar o milagre da abundância. Tecer vidas é bordar sustentabilidade no tecido ambiental e social da mãe Terra.

A parceria entre o CIRAT e as famílias assentadas que guiou o Projeto demonstrou que a Reforma Agrária, quando irrigada pelo conhecimento agroecológico, pela cooperação e pela solidariedade, torna-se um instrumento poderoso de transformação social e regeneração planetária. Cada mutirão, cada oficina, cada troca de saberes deixou marcas que não se apagam: são raízes que se aprofundam no Cerrado e que sustentam a esperança de um mundo mais justo, inclusivo e sustentável.

Que este livro sirva como incentivo e suporte para novos adeptos e antigos militantes da Reforma Agrária popular e agroecológica. Que a água plantada continue a alimentar o ciclo hidrológico e, assim, continue a evaporar, formar nuvens e retornar à bacia do Descoberto, permitindo novos plantios e colheitas, contribuindo para a segurança hídrica e alimentar da população do Distrito Federal.

Portanto, o projeto não termina: ele se transmuta em ritual permanente de transição e evolução agroecológica, de valorização da terra e de quem nela vive e produz como também de compromisso com a contínua teia da vida. Pois plantar água é plantar esperança, é invocar o milagre da abundância. Tecer vidas é bordar sustentabilidade no tecido ambiental e social da mãe Terra.

Brasília (DF), 15 de janeiro de 2026



QUEM FEZ ACONTECER

Equipe do Projeto

Adrilane Batista de Oliveira
Clarice Andreozzi de La Rocque Couto
Fernando Antonio Rodrigues Lima
Gabriela Cassimiro da Silva
Igor Amaury Aveline
José Rocha Grossi
José Ifran Araújo da Silva
Kelly de Souza Gramacho

Colaboradores

Camila Grinsztejn
Fabiano Martins
João Batista Alves Ribeiro
Leonardo Vitorino Barros
Letícia Vieira Barros Saboia
Lucas Francisco de Dominici
Lusimaria Martins de Moura
Marcelo Storni Mandelli
Shirleide Vasconcelos Ribeiro

Equipe de Campo

Caio Mantovani Vercese
Camila de Oliveira Ferreira
Carlos Henrique Araújo Rodrigues
João Pedro Burgos de Souza
Kássio Castro de Souza
Maria de aparecida Rodrigues de Jesus
Maria Mendes Mandelli
Tatiane Yumi Fukae Parralego
Thais de Souza Ribeiro
Vinícius Busatta Galhardi

Diretoria Executiva do CIRAT

Sergio Augusto Ribeiro – Diretor Geral
Carmen Regina Mendes de Araújo Correia – Diretora Científica e Acadêmica
Tadeu de Brito Melo – Diretor de Cultura
Henk van Sheiki – Diretor de Assuntos Internacionais

Luiz Carlos Pinagé de Lima
Matheus Hudson Gomes Ferreira
Paulo Henrique Gonçalves de Souza
Rhuan Max Coelho
Ricardo Luis Silveira Ramirez Lima
Vera Margarida Lessa Catalão
Wagner Soares da Silva

Consultores Técnicos

Armênio da Costa Britto Neto
Fabiana Mongeli Peneireiro
Geraldo Stachetti Rodrigues
Guilherme Fraissat Mamede Ferreira
Isabel Freire Correia
João Paulo Guimarães Soares
Pedro Ivo Souza Batista
Vicente de Paulo Borges Virgolino da Silva

Bolsistas

Giovanna Carvalho Rodrigues
Tamila Duarte Martins

AGRICULTORES BENEFICIADOS

Abelardo Gomes da Silva
Allyve Lima Matias
Antônia Maria da Silva Aguiar
Arthur Ferreira Paulino Bersi
Divino Pires Sardinha
Edleuza Sousa Tavares
Edmar Sousa Tavares
Edinar Alves do Carmo
Edinete Ferreira Paulino
Emerson Victor Aguiar da Silva
Euler Vespasiano de Andrade
Fabio Antônio Nascimento
Francisca Andreia Gomes
Francisca Ivonete Del Mondes Ribeiro
Ijocilane Santos de Souza
Ilnéia Alves Rocha Barros
Ivanilde Linhares Carvalho
João de Deus Diniz Almeida
João Paulo Rodrigues Rabelo Gomes

Joaquim da Costa Tavares
Josué Carvalho Sousa
Lucivalda Rodrigues dos Santos
Marcela Carolina Escudeiro
Marcos Vinícios de Souza Lopes
Maria de Fátima Araújo Oliveira
Maria Helena de Jesus Lopes
Marianna do Prado Sampaio
Marileide Pereira dos Santos
Matheus Hudson Gomes Ferreira
Mônica Barbosa da Silva
Nayara Costa Lima
Neudair Ferreira Nunes
Pedro Higor Rodrigues Rabelo Gomes
Polyana da Silva César
Raylane Maria Gonçalves
Rômulo Gabriel Gonçalves Pereira
Samuel Gomes Moreira
Soraya Vitor de Andrade

INSTITUIÇÕES

REALIZAÇÃO



APOIO



PARCEIROS







REALIZAÇÃO



APOIO



PARCEIROS

